

RECEPÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: A BUSCA DA IDENTIFICAÇÃO DO LEITOR COM O TEXTO

Djalma Barboza ENES Filho

Mestrando do PROFLETRAS – Mestrado Profissional em Letras da UFAC

Marta Ricardo dos SANTOS

Mestranda do PROFLETRAS – Mestrado Profissional em Letras da UFAC

Gisela Maria de Lima Braga PENHA

Professora da UFAC e do PROFLETRAS – Mestrado Profissional em Letras da UFAC

RESUMO

Este estudo apresenta uma discussão acerca da recepção da leitura literária no Ensino Fundamental. O processo de recepção literária será enfocado por sua relevância para o trabalho com textos literários, já que enfatiza a importância da interação entre texto e leitor, pois considera o leitor como elemento fundamental no processo da leitura. A *Teoria da Estética da Recepção*, de Hans Robert Jauss (1994), apresentada em sua obra *A história da literatura como provocação à teoria literária* constitui-se como texto base para este estudo e contribui para se entender o processo de recepção de textos literários pelos leitores. Além disso, ao apontar para a importância do leitor como coautor (*poiesis*), a teoria de Jauss busca desenvolver em seu receptor uma possível identificação com o texto (*katharsis*) e a probabilidade de renovar sua percepção de mundo (*aisthesis*), o que pode ser visto como um dos principais objetivos na formação de leitores. A obra de Regina Zilberman (1989), *Estética da recepção e história da literatura*, também colabora com importantes considerações, assim como, Iser (1979), Goulemot (1996), e em estudiosos como Rildo Cosson (2014), entre outros. Uma relação significativa entre aluno e literatura pode ser proporcionada por meio de uma prática eficiente e significativa de leitura literária, considerando-se esta prática como um procedimento de diálogo que requer respostas do leitor em relação ao texto literário, o que reforça a importância do leitor como coautor, concepção sobre a qual se assenta a Estética da recepção. Outro aspecto que será discutido é a maneira como a literatura é concebida na escola, retratada como algo inalcançável e longe da realidade do aluno, não sendo muito significativa para sua vida. Espera-se que este estudo seja útil para os professores do

Ensino Fundamental, no sentido de que possa ser mais um instrumento para auxiliar o trabalho docente com a leitura literária, auxiliando-os no incentivo e na promoção da literatura no âmbito escolar.

Palavras-chave: Poesia; Escola; Leitura literária; Literatura; Letramento literário.

ABSTRACT

This study presents a discussion about the reception of literary reading in elementary school. The literary reception process will be focused on its relevance to work with literary texts, as it emphasizes the importance of the interaction between text and reader, since it considers the reader as a key element in the reading process. The Theory of Aesthetic Reception of Hans Robert Jauss (1994), presented in his work The history of literature as a provocation to literary theory was established as basic text for this study and helps to understand the process of reception of literary texts by readers. In addition, by pointing to the importance of the reader as co-author (poiesis), the Jauss's theory seeks to develop a possible identification on your receiver with the text (katharsis) and the likelihood of renewing their perception of the world (aisthesis), which may It is seen as a key objective in the formation of readers. The work of Regina Zilberman (1989), reception aesthetics and history of literature also collaborates with important considerations, as well as Iser (1979), Goulemot (1996), and scholars as Rildo Cosson (2014), among others. A significant relationship between student and literature can be provided by means of an efficient and significant literature reading practice, considering this practice as a dialogue procedure which requires the reader's responses to the literary text, which reinforces the importance of the reader as co-author, design upon which rests the reception Aesthetics. Another aspect that will be discussed is the way literature is conceived in school, portrayed as something unattainable and far from the reality of the student, not being very significant for your life. It is hoped that this study will be useful for teachers of elementary school in the sense that it can be another tool to help teachers work with literary reading, assisting them in encouraging and promoting literature in schools.

Keywords: Poetry ; school; Literary reading ; literature ; Literary literacy .

1. A Literatura na Escola: Importância da Leitura Literária no Ensino Fundamental

Apesar das diversas iniciativas de incentivo à leitura desenvolvidas pelas escolas, secretarias estaduais e municipais de educação, e por toda a sociedade brasileira, ainda existe uma enorme dificuldade para formar leitores em nossa sociedade. Isto pode ser ocasionado pelo fato de que, de uma maneira geral, o leitor não consegue estabelecer uma ligação entre o que lê e seu cotidiano.

Em decorrência disso, talvez seja necessário, por parte dos leitores, compreender os benefícios da leitura na vida de cada indivíduo. Necessário também entender que a leitura tem a possibilidade de desenvolver a consciência crítica do cidadão, tornando-o mais ativo, mais capaz de expressar suas opiniões de maneira coerente. Para tanto, o ato da leitura, principalmente de textos literários, tanto no espaço escolar como fora dele, pode contribuir significativamente para a formação do aluno leitor.

Entretanto, a forma como a leitura vem sendo trabalhada na escola, pode ser um dos grandes problemas para a consolidação desse ato, em nossas instituições. Tudo indica que a prática da leitura nas unidades escolares não contribui para a formação do leitor reflexivo, pois está centrada em atividades mecânicas e como um fim em si mesmo.

Nesta direção, Antunes afirma que:

O trabalho com a leitura ainda está centrado em habilidades mecânicas de decodificação da escrita sem dirigir, contudo, a aquisição de tais habilidades para a dimensão da interação verbal – quase sempre nessas circunstâncias, não há leitura, porque não há encontro com ninguém do outro lado do texto (ANTUNES, 2003, p.27).

Segundo Antunes (2003), as práticas escolares de leitura não têm sentido para os alunos, pois não estabelecem uma relação do leitor com o texto. Se não existe essa interação verbal, não existe leitura de fato, apenas decodificação. Parece que a escola ainda não percebeu que o aluno, mesmo com suas dificuldades, é capaz de fazer uma recepção do texto, voltada para sua realidade, baseado em seu conhecimento e sua história de vida.

Para que os alunos possam fazer essa interação com o texto, seria aconselhável que se repensasse a seleção dos tipos de textos que são utilizados na escola. Seria interessante que os textos utilizados pudessem provocar um diálogo do leitor com o texto e aproximasse o aluno da sua realidade e o levasse a conhecer outras realidades. As leituras escolares precisam ter

uma relação mais próxima com a experiência do aluno. A leitura de textos literários talvez seja a melhor maneira de estabelecer essa relação dialógica, já que a leitura literária tem a possibilidade de afetar significativamente o leitor.

De acordo com Antoine Compagnon, "os estudos recentes da recepção interessam-se pela maneira como uma obra afeta o leitor, um leitor ao mesmo tempo passivo e ativo, pois a paixão do livro é também a ação de lê-lo" (COMPAGNON, 2001, p.147). Assim, a maior preocupação da escola com relação ao tipo de leitura que deve ser levado para estudo dos alunos, talvez esteja voltada para o estabelecimento de critérios descritivos dos textos que podem captar a atenção de seus alunos e os motivem a fazerem uma leitura diferente.

Descobrir que tipo de texto será melhor no âmbito escolar e, também fora dele, e utilizá-lo de forma adequada, pode tornar o espaço escolar mais agradável e o aluno mais receptivo. O texto literário pode ser indicado como proposta de leitura tanto no espaço escolar como fora dele, por ter a capacidade de provocar emoções diversas e diferenciadas em cada leitor.

Nesta concepção, a Literatura contribui significativamente para o processo de formação de leitores. Para isso, seu principal foco na escola deve ser o diálogo entre o texto e o leitor, tendo o professor como mediador, para auxiliar o aluno a ser cada vez mais protagonista dos textos que lê. A literatura assim deixa de ser vista como algo inalcançável e passa a ser vista como uma tentativa de compreensão da realidade, pois tem relação direta com a sociedade.

Para Jauss (1994), a relação entre literatura e sociedade contribui para uma pré-formação da compreensão de mundo do leitor, e reflete sobre seu comportamento social. Assim, a leitura literária pode ser vista como um processo social, fundamental para a formação e atuação do indivíduo na sociedade. Logo, a literatura pode ser entendida como uma forma de expressão artística cujo valor estético, formado por um uso especial da linguagem, contribui para a satisfação das necessidades do homem.

Hans Robert Jauss atribui uma função social à literatura. Segundo ele, a obra possui uma função social que será atingida quando altera o comportamento social do indivíduo, após ter alcançado a expectativa do leitor, levando a ter uma visão diferente da realidade.

A função social somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo, e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social. (JAUSS, 1994, p. 50).

Essa função social da literatura se manifesta literalmente no momento em que a experiência literária do leitor penetra no horizonte de expectativas da sua própria vida. Isso colabora na formação de seu entendimento do mundo e auxilia na formação de seu comportamento social.

2. Recepção Literária: Interação entre Texto e Leitor

De acordo com Regina Zilberman (1989), Jauss ressaltou que se faz necessário haver uma restauração da relação entre texto e leitor, de forma que haja uma valorização da experiência humana e o processo de comunicação como uma condição para se compreender o sentido do objeto literário. Assim, o estudo da literatura não se restringiria à vida e a obra de alguns autores, prática comum em nossas escolas, mas abrangeria a inserção da obra na história, por meio da recepção que o leitor teria desta obra.

Em seu texto, *Estética da Recepção e História da Literatura*, Zilberman (1989) enfatiza que Jauss apresenta um método de análise literária que envolve a compreensão, a interpretação e a aplicação.

Disso resulta a dupla tarefa da hermenêutica literária: diferenciar metodicamente os dois modos de recepção. [...]. De um lado aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, de outro, reconstruir o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos (JAUSS, 1994, p.70).

A compreensão pode ser considerada como o ponto de partida da leitura, a fase imediata é a interpretação, e a fase seguinte é a aplicação. Contudo, Jauss acredita que no momento da compreensão simultaneamente se inicia a interpretação. Assim sendo, a interpretação pode ser considerada a forma explícita da compreensão, que equivale a compreender alguma coisa como resposta. Desta maneira, se o texto for considerado como a pergunta, a compreensão deste texto significa responder às perguntas que ele propõe.

Segundo Hans Robert Jauss, o leitor traz para a realidade em que vive acontecimentos de textos da ficção, e leva para a ficção fatos de textos reais e históricos, baseado no seu entendimento da realidade e por meio de leituras que já fez, na qual assimila conhecimentos para serem utilizados em outras obras, que fará a leitura.

Baseado no saber prévio, Jauss formula o conceito de horizonte, que consistem mudanças segundo as expectativas do leitor. Esse horizonte é responsável pela primeira reação do leitor à obra.

Para Jauss (1994) a obra literária é condicionada pela relação entre literatura e leitor. Essa relação proporciona uma implicação estética e outra histórica.

[...] a relação entre literatura e leitor possui implicações tanto estéticas quanto históricas. A implicação estética reside no fato de já a recepção primária de uma obra pelo leitor encerrar uma avaliação de seu valor estético, pela comparação com outras obras já lidas. A implicação histórica manifesta-se na possibilidade de, numa cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração, decidindo, assim, o próprio significado histórico de uma obra e tornando visível sua qualidade estética (JAUSS, 1994, p. 23).

A recepção que os leitores fazem de uma obra pode ter continuidade de uma geração à outra, evidenciando uma qualidade estética. Essa relação que possui implicações estéticas e históricas condiciona o julgamento que o leitor fará do valor estético da obra atual em comparação com outras obras que foram lidas anteriormente.

Nesta perspectiva, a história da literatura se estabelece na interação entre leitor e texto, e não em uma sequência de fatos históricos. O papel do leitor se evidencia no momento em que sua história de vida o auxilia na observação desta obra, na qual o próprio leitor se torna um coprodutor da obra já escrita pelo autor. Isso atualiza a obra literária, fazendo com que a historicidade literária aconteça.

Assim, no momento da leitura de cada obra, o leitor atualiza suas reflexões por meio dos fatores literários que permitem uma relação com os acontecimentos já vivenciados ou lidos pelo próprio leitor, em circunstâncias favoráveis para sua recepção. Segundo Jauss, “a experiência da leitura logra libertá-lo das opressões dos dilemas de sua práxis de vida, na medida em que o obriga a uma nova percepção das coisas.” (JAUSS, 1994, p. 52).

Para Jauss, no momento da recepção, cada leitor pode fazer uma interpretação bem individualista de uma mesma obra. Zilberman confirma a tese de Jauss, afirmando que cada leitor possui uma reação individual em relação a um mesmo texto, “mas a recepção é um fato social, uma medida comum localizada entre essas reações particulares.” (ZILBERMAN, 1989, p. 34).

Jauss considerada o fator histórico como indispensável para a recepção da obra. Ele concebe o homem mergulhado em sua historicidade, sujeito a exibir a mesma leitura de seus contemporâneos.

Neste sentido, Jauss institui o "horizonte de expectativas". Essa expressão serve para motivar a recepção, na qual o novo exposto pelo texto literário dialoga com a experiência que o leitor já possui. Assim, a obra predetermina a recepção, pois pode criar certa expectativa no

leitor e movimentar sua lembrança, transportando-o a determinada postura emocional. Isso predetermina a recepção, por meio da experiência literária do leitor.

Assim como em toda experiência real, também na experiência literária que dá a conhecer pela primeira vez uma obra até então desconhecida há um saber prévio, ele próprio um momento dessa experiência, com base no qual o novo de que tomamos conhecimento faz-se experienciável, ou seja, legível, por assim dizer, num contexto experiencial. Ademais, a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida. (JAUSS, 1994, p. 28).

Conforme Jauss, o leitor compartilha a obra conforme seu horizonte de expectativa. Ele se relaciona com a obra por meio das experiências que traz consigo, no ato da leitura. Esta experiência literária, que decorre de um saber que ele já possui, é essencial para que exista uma relação comunicativa significativa entre o leitor e o texto literário. Para este teórico, o valor estético de uma obra nasce a partir da suposição de que esta obra proporciona uma percepção estética no leitor. Assim, o caráter artístico da obra é conferido pela distância entre a obra e o horizonte de expectativa estabelecido pelo leitor. Portanto, quanto mais a obra se distanciar das expectativas do leitor, maior poderá ser seu valor artístico. Entretanto, a leitura pode provocar um “estranhamento” ao leitor, quando acontece um rompimento de seu horizonte de expectativas.

Nesta perspectiva, o horizonte de expectativa do leitor pode ser satisfeito ou não, por meio da leitura do texto.

A maneira pela qual uma obra literária, no momento histórico de sua apreciação, atende, supera, decepciona ou contraria as expectativas de seu público inicial oferece-nos claramente um critério para a determinação de seu valor estético (JAUSS: 1994, p.31).

Segundo Jauss (1994) o valor estético de uma obra provém da percepção estética que a obra é capaz de provocar. Essa distância que existe entre as expectativas do leitor e sua efetivação é chamada por Jauss de “distância estética” e determina “o caráter artístico de uma obra literária”.

A distância entre o horizonte de expectativa e a obra, entre o já conhecido da experiência estética anterior e a “mudança de horizonte” exigida pela acolhida à nova obra, determina, do ponto de vista da estética da recepção, o caráter artístico de uma obra literária. (JAUSS, 1994, p.31).

Vale ressaltar que o horizonte de expectativas pode se modificar no transcorrer do tempo. Assim sendo, uma obra que pode ter surpreendido muitos leitores pelo fato de conter

novidades, também pode tornar-se banal e pouco atraente para outros leitores futuramente. Somente as grandes obras conseguem provocar o leitor de todos os tempos, pois elas permitem novas leituras em qualquer momento histórico.

A partir de algumas relações atuais do texto com a época de sua publicação, Jauss (1994) propõe a reconstrução do horizonte de expectativa. Para Jauss, a literatura só pode existir no momento em que um leitor leva em conta o seu horizonte de expectativa, na recepção de uma obra. Para isso, ele precisa considerar seus conhecimentos, comportamentos e ideias que já possui sobre a obra.

A reconstrução do horizonte de expectativa sob o qual uma obra foi criada e recebida no passado possibilita, por outro lado, que se apresentem as questões para as quais o texto constitui uma resposta e que se descortine, assim, a maneira pela qual o leitor de outrora terá encarado e compreendido a obra (JAUSS, 1994, p. 35).

É fundamental, portanto, descobrir como o leitor da época percebeu e compreendeu a obra. Isso recupera o processo de comunicação que se abrigou, na época em que a obra foi lançada. Para tanto, Jauss recomenda a recepção de uma obra, tanto no aspecto diacrônico como sincrônico, ou seja, deve-se levar em conta a recepção das obras literárias ao longo do tempo (diacrônico), mas também as relações da literatura numa dada época (sincrônico), relacionando a literatura com a vida prática. Isso mostra o quanto é dinâmico o processo de interpretação do leitor, no momento da leitura literária.

Neste sentido, Jauss ressalta que uma obra precisa ser vivenciada não apenas na ocasião histórica de sua leitura, mas que seja feita uma revisão de leituras antecedentes em relação à atual, de tal forma que nesse momento da leitura, o texto dialogue com outras leituras que já foram realizadas. Isso, para que uma obra possa transpor o período em que foi lançada e não perca seu poder de ação, sendo necessário apenas posicionar esta obra na “sucessão histórica”. Assim, as obras literárias de épocas diferentes podem relacionar-se com os leitores e dialogarem com nosso momento presente.

O novo torna-se também categoria *histórica* quando se conduz a análise diacrônica da literatura até a questão acerca de quais são, efetivamente, os momentos históricos que fazem do novo em uma obra literária o novo; de em que medida esse novo é já perceptível no momento histórico de seu aparecimento; de que distância, caminho ou atalho a compreensão teve que percorrer para alcançar-lhe o conteúdo e, por fim, a questão de se o momento de sua atualização plena foi tão poderoso em seu efeito que logrou modificar a maneira de ver o velho e, assim, a canonização do passado literário. (JAUSS, 1994, p. 45).

Jauss (1994) considera o aspecto sincrônico de recepção da obra como fator de grande importância para a compreensão do leitor num momento específico da historiografia literária.

Considerando-se que cada sistema sincrônico tem de conter também seu passado e seu futuro, na condição de elementos estruturais inseparáveis, o corte sincrônico que passa pela produção literária de determinado momento histórico implica necessariamente outros cortes no antes e no depois da diacronia (JAUSS, 1994, p.48).

A reação que acontece no leitor, quando de posse de um novo texto, pode ser determinada pelo repertório de leituras já realizadas. Isso acontece quando as leituras que o leitor já fez dialogam com a leitura atual que está se realizando, fluindo através da novidade.

3. O Leitor como Elemento Fundamental no processo da Leitura

O leitor, de posse do texto literário, tem a possibilidade de construir significados a partir de seus próprios objetivos, alicerçados em sua história de vida. Isso porque a leitura literária abre novos caminhos para o leitor, no campo da experiência estética, pois ele será capaz de imaginar alguns aspectos de sua prática habitual através da literatura. Aspectos que precisam ser mudados ou alterados para que ele possa ser um indivíduo melhor consigo mesmo e com os outros, um cidadão mais reflexivo.

De acordo com Jauss (1994) o relacionamento do leitor com o texto consolidam o caráter estético da obra e seu papel social.

Contudo, a obra literária pode também – e, na história da literatura, tal possibilidade caracteriza a nossa modernidade mais recente – inverter a relação entre pergunta e resposta e, através da arte, confronta o leitor com uma realidade nova, “opaca”, a qual não mais se deixa compreender a partir de um horizonte de expectativa predeterminado (JAUSS, 1994, p. 56).

Nesta concepção de literatura, uma obra literária nunca estará completamente acabada, já que suas possibilidades de interpretação não estão finalizadas. Existem múltiplas outras possibilidades de fazer uma nova interpretação do mesmo texto, o que significa dizer que a obra literária nunca está fechada ou pronta. Essa capacidade da obra de permanecer sempre aberta proporciona ao leitor condições para que ele, ao entrar em contato com o texto, imponha suas próprias impressões e utilize seu saber prévio para determinar a maneira como este texto pode ser recepcionado.

Vale ressaltar que a recepção que o leitor terá da obra não será igual para outros leitores, pois como suas histórias de vida não são iguais, e seus saberes prévios também são diferentes, a recepção tenderá a ser diferenciada para cada leitor. Isso poderá provocar a

atualização da obra, pois a literatura possui um caráter plurissignificativo e tem a capacidade de não se prender no tempo, é atemporal.

Segundo Wolfgang Iser o texto tem um arcabouço de apelo, que conduz o leitor à transformação de um membro fundamental da obra, que só pode ser compreendida enquanto uma modalidade de interação. Para Iser “[...] é sensato pressupor que o autor, o texto e o leitor são intimamente interconectados em uma relação a ser concebida como um processo em andamento que produz algo que antes inexistia”. (1996, p.105).

Iser sugere o jogo sobre a representação, pois segundo ele, o texto é o palco do jogo e neste palco os autores jogam com seus leitores. Nesse sentido, o mundo do texto não deve ser interpretado como realidade, mas como se fosse realidade. Entretanto, é preciso considerar que o que acontece no mundo textual não oferece as consequências características do mundo real.

Nesta perspectiva do jogo, a literatura pode ser considerada uma obra de arte, e como tal, ela possui a aptidão de atenuar, mesmo que de forma momentânea, a sensação de descontinuidade e incompletude da humanidade. Contudo, a literatura não consegue trazer, definitivamente, tranquilidade ao espírito humano, pelo contrário, ela provoca sentimentos de contestação, indagação e angústia.

Vista dessa maneira, a arte pode manifestar as incertezas do ser humano, pois não traz respostas para suas indagações, pois elas próprias são manifestações dessa incerteza. Isso proporciona a possibilidade de o leitor ser outras pessoas, viver como outras pessoas e até fazer um rompimento dos limites do espaço e do tempo, mas mesmo assim, continuar a ser ele mesmo.

Nessa mesma direção, Zilberman (1989) assevera que a leitura literária possibilita uma relação entre texto e leitor que pode ser compreendida como uma verdadeira trama. Assim, a obra pode ser concebida como uma via de mão dupla, na qual seus significados e interpretações irão depender dos sentidos que o receptor assenta.

Segundo Jauss, o leitor pode propor sentidos ao texto por ter contato e poder, de certa forma, participar de sua gênese.

O texto poético se torna compreensível na sua função estética apenas no momento em que as estruturas poéticas, reconhecidas como características no objeto estético acabado, são retransportadas, a partir da objetivação da descrição, para o processo da experiência com o texto, a qual permite ao leitor participar da gênese do objeto estético. (JAUSS, 1983, p. 307).

Neste sentido, Jauss acredita que o texto é produto do leitor, que constrói seu sentido no processo da leitura. Assim, é perceptível que o texto não possui uma estrutura fechada, acabada, já que está acessível ao leitor e permanece aberto para recepções e interpretações variadas, ficando submetido à experiência do receptor, que é proporcionada pela leitura.

Nesta concepção, a obra de arte somente se efetivará se o leitor a legitimar como tal. Diante disso, torna-se necessário encontrar o “horizonte de expectativas” que está emaranhado nessa obra. Esse horizonte de expectativa pode ser compreendido como a experiência social do leitor, acumulada durante sua vida, que tem a possibilidade de ser determinante para a compreensão da obra. Isso demonstra que o leitor tem papel ativo no processo de recepção do texto.

Vale ressaltar, entretanto, que o horizonte de expectativas de cada leitor é individual e único, sendo completamente relacionado à maneira com que esses leitores recebem a obra. Para Goulemot (1996):

Ler é dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas sequências. Não é encontrar o sentido desejado pelo autor, o que implicaria que o prazer do texto se originasse na coincidência entre o sentido desejado e o sentido percebido, em um tipo de acordo cultural, como algumas vezes se pretendeu, em uma ótica na qual o positivismo e o elitismo não escaparão a ninguém. Ler é, portanto constituir e não reconstituir um sentido. A leitura é uma revelação pontual de uma polissemia do texto literário (GOULEMOT, 1996. p. 108).

Goulemot acredita que o sentido na leitura não está apenas no texto, mas também fora dele, está relacionado com o contexto cultural, pois “o livro lido ganha seu sentido daquilo que já foi lido antes dele, segundo um movimento redutor ao conhecido, à anterioridade”. (GOULEMOT, 1996, p. 115). Isso evidencia o papel do leitor, que é visto, assim, como o elemento fundamental do sistema literário, destacando a importância da relação dialógica entre texto e leitor no processo da leitura.

O principal objetivo da Estética da Recepção, talvez seja a valorização do leitor que, ativamente, desenvolve os sentidos dos textos. O leitor é o principal elemento, capaz de proporcionar mudanças na maneira de conceber a recepção das obras.

Segundo Jauss, a historicidade literária coincide com a atualização da obra literária, pelo dinamismo experimental que os leitores fazem, diante de uma obra literária, em determinado período. “Uma renovação da história da literatura demanda que se ponham abaixo os preconceitos do objetivismo histórico e que se fundamentem as estéticas tradicionais da produção e da representação numa estética da recepção e do efeito” (JAUSS, 1994, p.24). Isso significa que, no momento da leitura, o leitor atualiza suas reflexões pelos

fatores literários que fazem uma relação com os acontecimentos que o leitor viveu ou com outra obra que ele leu.

Para Jauss, o leitor real tem participação ativa na obra segundo seu horizonte de expectativa que se relaciona com a obra, por meio das experiências trazidas pelo leitor, no momento da leitura. Para o autor, será muito difícil uma boa relação de comunicação entre o leitor e o texto, sem esta experiência. Isso porque essa relação comunicativa entre o leitor e o texto é fundamental para que seja possível a satisfação do horizonte de expectativas do leitor, ou ainda o estranhamento, que provocará o rompimento com este horizonte.

Segundo Jauss, o leitor de uma determinada época posterior tem a possibilidade de compreender uma obra e ainda recuperar o processo de comunicação que fora instalado, na época de lançamento desta obra. Isso evidencia a capacidade receptiva do leitor de realizar a recepção das obras literárias no transcorrer dos tempos, evidenciando também as relações existentes entre a literatura e a vida cotidiana, demonstrando a eficiência do processo interpretativo do leitor, no ato da leitura.

No ato da leitura, o leitor pode ainda participar de uma relação dialógica que acontece entre o texto que está lendo e outros que já leu, pois Jauss afirma que o texto atual deve dialogar com outras leituras já realizadas. Ele afirma ainda que uma obra tem um poder de ação que não é perdido na transposição do período em que nasceu.

De acordo com Jauss, o autor tem a possibilidade de contribuir de maneira significativa para determinar a reação que o leitor sentirá no instante em que ele se encontra com a novidade apresentada por um texto novo. Nesse sentido, o autor propositadamente joga com o leitor, que por sua vez aceita interagir neste jogo e participa, inclusive, participando como coprodutor deste texto literário em construção.

O papel de coautor exercido pelo leitor se concretiza mediante a interação com o texto literário. Como nesta interação o leitor tem o poder de atribuir sentidos ao texto, ele estará também construindo esta obra, que só se efetivará neste momento da leitura e da atribuição de significados. Em contrapartida, este mesmo leitor sofrerá os efeitos da obra, concretizando as reações proporcionadas pela relação existente entre texto e leitor.

Esse relacionamento do leitor com o texto, segundo Jauss, concretiza também o caráter estético e o papel social da arte, que são dois aspectos essenciais para a história da literatura. Esses dois aspectos são sintetizados pela recepção da leitura literária, que pode ser considerada como uma busca de novos significados, de novas descobertas.

Wolfgang Iser considera que, tanto o texto quanto o leitor possuem uma bagagem de conhecimentos que interferem diretamente, no sentido de contribuir significativamente para a interação entre ambos, no momento da leitura. O mais apropriado é que essa interação acontecesse por meio de um leitor ideal. Entretanto, Iser considera que essa interação não pode acontecer por meio de um leitor ideal, pois ele afirma a impossibilidade da existência desse leitor, já que este deveria ter o mesmo código utilizado por quem escreve.

O leitor ideal representa uma impossibilidade estrutural da comunicação. Pois um leitor ideal deveria ter o mesmo código que o autor. Mas como o autor transcodifica normalmente os códigos dominantes nos seus textos, o leitor ideal deveria ter as mesmas intenções que se manifestam nesse processo. Se supormos que isso é possível, então a comunicação se revela como supérflua, pois ela comunica algo que resulta da falta de correspondência entre os códigos de emissor e receptor (ISER, 1996, p. 65).

Provavelmente, Iser acredita que o sentido do texto, construído pelo leitor, seja o resultado de uma atividade essencialmente social, que apresenta como produto, a atualização do objeto estético na consciência do leitor. Para o teórico, o texto é construído por meio das expectativas do autor, mas só se realizará do ato da leitura, que é o efeito vivido pelo leitor na produção do sentido do texto.

Segundo Jauss (1994), é necessário levar em consideração as condições históricas e as evidências que podem influenciar o receptor do texto em relação ao contexto social. Logo, é necessário frisar que a recepção resultada do texto literário e relacionada à historicidade possibilita que cada leitor contribua com uma parcela de significado, pois, na medida em que sua relação interfere no ato comunicativo, esse leitor terá possibilidades de criar interpretações diversas, permitidas pelo texto.

4. A Identificação do Leitor com o Texto

A Estética da Recepção tem como objeto de estudo identificar e compreender os caminhos perpassados pelo leitor na recepção da obra literária. Esta teoria concebe o processo de fruição da leitura como a consequência da interação entre elementos internos e externos à obra. O elemento interno seria o próprio texto, e os elementos externos podem ser compreendidos como a história de vida do leitor, a visão de mundo que ele construiu ao longo de sua vida.

De acordo com Regina Zilberman (1989), Jauss assinala três atividades da experiência estética, que são complementares e acontecem simultaneamente: *Poiesis*, *Katharsis*, *Aisthesis*.

Pela *Poiesis* o leitor tem a possibilidade de participar do processo de produção da obra; a *Katharsis* pode proporcionar a identificação do leitor com a obra, motivando-o à ação. E por meio da *Aisthesis*, a obra de arte pode provocar uma renovação da percepção de mundo do receptor.

Hans Robert Jauss acredita que essas atividades acontecem de forma simultânea e se complementam, contribuindo significativamente no processo de formação do leitor. Ao mesmo tempo em que aponta para a importância do leitor ser coautor da obra (*Poiesis*), essa teoria procura desenvolver no leitor uma possível e significativa identificação com o texto (*Katharsis*), e a probabilidade de renovar sua percepção de mundo (*Aisthesis*). Todo esse processo pode ser visto como fundamental na formação de leitores autônomos e críticos.

Diante disso, percebemos que a Estética da Recepção considera o leitor como um componente fundamental no processo da leitura. E sua interpretação do texto estará, quase sempre, ligada com a sua experiência cotidiana e com a sua experiência como leitor. O leitor, para Jauss, pode servir de base para que se repense a história da literatura, pois “a historicidade da literatura não repousa numa conexão de “fatos literários” [...], mas no experimentar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores”. (JAUSS, 1994, p. 24).

O leitor, portanto, carrega um grande poder, pois tem a prerrogativa de abrir o texto literário, que pode ser fechado em si mesmo e considerado um simples objeto escrito, podendo transformar este texto em uma obra histórica e aberta, fornecendo possibilidades de interpretação, que estão presentes no próprio texto. Para tanto, o processo receptivo de leitura precisa contar com a participação crítica do leitor, sem, contudo, causar dano à autonomia do texto.

O texto, assim, pode ser considerado o espaço para o leitor construir suas próprias representações. Neste espaço, o leitor pode encontrar as respostas para suas indagações. Assim, quanto maior a distância entre o horizonte de expectativas do leitor e o texto, maiores serão as possibilidades de esse texto trazer algo de novo para o leitor. Isso acontece por meio da possibilidade que o leitor tem de construir uma identificação com o texto

A expressão "horizontes de expectativas", cunhada por Jauss, pode determinar a reação do leitor em relação à obra literária. A obra cria expectativa no leitor, que terá acesso ao novo conhecimento apresentado pelo texto literário, através da recepção. O texto literário dialoga com a experiência que o leitor já possui, aguçando sua lembrança e o conduzindo a uma nova postura.

Segundo Hans Robert Jauss:

O caso ideal para a objetivação de tais sistemas histórico-literários de referência é o daquelas obras que, primeiramente, graças a uma convenção do gênero, do estilo ou da forma, evocam propositadamente um marcado horizonte de expectativas em seus leitores para, depois, destruí-lo passo a passo – procedimento que pode não servir apenas a um procedimento crítico, mas produzir ele próprio efeitos poéticos (JAUSS, 1994, p. 28).

Para Jauss uma obra pode trazer respostas às perguntas colocadas por um horizonte de expectativas. Assim, a obra tem a possibilidade de causar transformações nos indivíduos que procuram respostas nas suas maneiras de fazer interpretações, causando modificações no texto e ocasionando também mudanças no leitor. Portanto, a maneira de interpretar as obras poderia focalizar além das experiências do indivíduo, o conjunto de expectativas modificáveis que permitem que a obra seja lida em diferentes épocas.

O leitor, por meio de um movimento progressivo, através de um texto, consegue produzir sentido ao texto, fazendo ligações com seu cotidiano e preenchendo as lacunas, dentro do texto, deixadas pelo autor. Esse movimento permite que suas expectativas sejam confirmadas ou frustradas, facilitando a interpretação da obra e evidenciando a relação do texto literário com o leitor.

Segundo Iser (apud Compagnon, 2001), "o leitor passa por diversos pontos de vista oferecidos pelo texto e relacionam suas diferentes visões e esquemas, ele põe a obra em movimento e se põe ele próprio igualmente em movimento". Significa que uma obra só estará em movimento durante o ato da leitura, pois é neste momento que o leitor dá vida ao texto. Nesse momento, o leitor buscará significados para o texto, e dando significados também para seu mundo. Para Iser, o ato da leitura movimenta a obra e também o leitor.

Proposta Metodológica

Com base nas reflexões realizadas, apresentamos uma proposta de metodologia para leitura e interpretação de texto literário na escola, que pode ser desenvolvida no Ensino Fundamental. O gênero literário escolhido foi o poema, por acreditar que este gênero pode trazer muitas contribuições para a formação do aluno leitor, além de ser, em sua grande maioria, um texto curto que pode ser trabalhado em uma única aula. Além disso, muitos poemas têm uma leitura agradável e aguçam a criatividade da criança, principalmente os que possuem poesia.

Vale ressaltar que as atividades aqui propostas são apenas algumas sugestões, que podem ser aplicadas integralmente ou até adaptadas à realidade de uma turma ou uma escola. Essa proposta pode, também, ser trabalhada com outros textos literários, poéticos ou não. Depende da criatividade da professora e da maturidade da turma, para que esta proposta seja aplicada de forma eficiente e alcance seu objetivo.

O poema escolhido é *O Bicho* de Manuel Bandeira, que pode ser trabalhado, preferencialmente, com turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, e que deve ser trabalhado integralmente, pois o mesmo só tem sentido se for trabalhado inteiramente, e não fragmentado como aparece em muitas propostas de livros didáticos. Segue o poema:

O Bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

(BANDEIRA, 1970, p. 196)

O professor iniciará o trabalho com este texto apresentando apenas o título “*O Bicho*” e, por meio de uma conversa informal, fará o levantamento dos conhecimentos dos alunos, para saber quem já conhece o texto e saber também o que este título sugere. Neste momento, o professor deve deixar que os alunos expressem suas opiniões sobre o que eles acham que o texto se refere. O professor deve deixar que o debate flua espontaneamente para saber as expectativas da turma, com relação ao texto.

Após isso, o professor entrega o texto aos alunos e pede que eles façam uma leitura silenciosa individual, de preferência que eles leiam mais de uma vez para se familiarizar com o texto e facilitar a interpretação. Tendo feito a leitura individual, pedir que eles formem grupos e possam debater sobre os sentidos do texto encontrados pelos alunos, a partir das interpretações que eles tiveram na leitura silenciosa.

Nesta etapa do trabalho em grupo, o professor entregará aos alunos algumas questões para orientar a discussão. Este momento será para que o professor possa auxiliar os alunos a iniciarem o processo de busca da identificação com o texto. Propomos as seguintes questões para facilitar esse processo de identificação:

- Qual a temática do poema?
- O título “bicho” é adequado ao texto?
- Por que será que o autor escolheu este título?
- O termo “bicho” pode ser utilizado a todos os homens?
- O que mais lhe chamou a atenção neste texto?
- Você se identifica de alguma forma com este texto?
- O texto representa algum aspecto da realidade?
- Você sente que pode mudar algum aspecto de sua vida após a leitura desse texto?

Vale ressaltar que estas são apenas algumas questões que podem ser utilizadas, mas existem muitas outras que podem ser elaboradas, dependendo da criatividade e do objetivo do professor com a leitura. Essas questões também podem ser adaptadas conforme a necessidade do texto ou da turma.

A próxima etapa é a da leitura oral do texto. Como a proposta é feita com um texto curto, não é necessário utilizar mais de um horário, mas vai depender do desenrolar das discussões em sala de aula. Cabe ao professor conduzir todo este processo. Esta atividade de leitura é de fundamental importância para que se evidenciem as características básicas presentes no poema, como pausas, ritmo, entonação, entre outros. O professor pode fazer ele próprio a leitura, ou pedir para que um aluno realize a leitura do poema.

Após essa etapa, iniciar a análise da forma do poema. Nessa análise, a proposta é que se analisem apenas os aspectos formais do poema. Assim, deve-se buscar encontrar algumas informações, como número de estrofes do poema, número de versos por estrofe, identificar as possíveis rimas, dentre outras. A análise da forma serve para o leitor perceber porque o texto foi construído com esta estrutura, qual a intenção do autor ao estruturar o texto desta maneira e não de outra, e quais os efeitos de sentidos provocados por esta forma.

Na análise da forma do poema “O Bicho”, o professor deve levar o aluno a perceber que o poema é construído por quatro estrofes, sendo que as três primeiras são compostas por três versos e a última possui apenas um verso, como se estivesse separada das demais. Deve

instigar o aluno a pensar qual o motivo dessa construção, e fazê-lo perceber que isso é intencional, o autor separou de propósito para provocar um sentido.

Uma possível interpretação seria a intenção de causar uma surpresa, pois apresenta a resposta do enigma apenas no final. É possível também que o autor tenha separado esta estrofe para que o aluno perceba que o homem não é um bicho, já que nas estrofes anteriores ele vem falando dos bichos e sua situação, no final ele fala que o bicho era um homem, não apenas revelando e manifestando uma surpresa, mas também como se tivesse a intenção de fazer essa separação entre o homem e os bichos, como se fosse inadmissível o homem viver em uma situação degradante. Além dessa interpretação, podem ser realizadas outras.

Em seguida será feita a interpretação coletiva do poema, de forma oral. Nesta etapa da atividade, é indispensável à mediação do professor, pois é nesse momento da interpretação que o professor tentará auxiliar os alunos a buscarem uma recepção do texto, que os levem a se identificarem com o texto (*Katharsis*), de tal forma que se sintam como coautor desse texto (*Poiesis*). Essa possível identificação pode proporcionar a possibilidade dos alunos renovarem suas percepções de mundo (*Aisthesis*). Esse procedimento pode ser visto como essencial no processo de formação de leitores críticos e autônomos.

Durante essa etapa, o professor vai mediando o debate para que os alunos possam construir possíveis sentidos ao texto, por meio de reflexões sobre as respostas e descobertas que fizeram a partir das questões propostas pelo professor, pelo próprio texto e pela curiosidade do aluno leitor. Nesse debate, o professor precisa levar os alunos a perceberem se é possível fazer uma transposição dos sentidos do texto para sua vida real. Isso será feito por meio de reflexões sobre as relações entre o texto lido e a vida dos alunos.

Esta atividade de interpretação é a etapa mais subjetiva da proposta. Como a proposta é com a poesia, que é um texto curto, a mediação do professor será mais no sentido de instigar os alunos a descobrirem os sentidos implícitos no poema. No caso desse poema, de Manuel Bandeira, seria interessante que o professor auxiliasse os alunos a perceberem, caso eles não tenham percebido, que o poema fala de uma realidade presente na sociedade.

A interpretação mais possível, ou mais aceita, desse poema é a que apresenta uma temática social, que demonstra as condições subumanas a que algumas pessoas da população mundial estão submetidas. Seria interessante levar o aluno a refletir sobre o fato de que muitos vivem em situações de extraordinária pobreza, e por isso se alimentam de detritos encontrados nos lixos. Nesta interpretação é aconselhável que o professor volte ao sentido do

termo “bicho” que, durante o poema, é visto como um enigma que é revelado apenas no final do texto, e surpreende o leitor com a revelação assombrosa de que o bicho é o homem.

5. Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo sobre a importância do texto literário, considerando-o como uma construção artística que tem a capacidade de mostrar a realidade de maneira mais real que a própria realidade. Objetivou também refletir sobre as contribuições que a leitura literária pode trazer para a formação do leitor, que, de posse do objeto literário, tem a possibilidade e a capacidade de construir significados a partir de seus próprios objetivos, construídos e alicerçados em sua história de vida.

Nesse artigo foi apresentada uma proposta metodológica que pode auxiliar o professor no seu trabalho com o texto literário, com o objetivo de tentar contornar os problemas enfrentados na forma de trabalhar a literatura no Ensino Fundamental. Vale lembrar que é apenas uma sugestão que o professor adapta para sua sala de aula ou utiliza de forma integral. Esperamos que seja útil para auxiliar o professor no processo de formação do leitor.

6. Referências Bibliográficas

ANTUNES, Irandé. *Aula de português, encontro e interação*. São Paulo - Parábola, 2003.

AVERBUCK, Lígia Marrone. *A poesia e a escola*. In: ZILBERMAN, Regina (org). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: Vários escritos. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 1995

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2014.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. *A literatura nas séries iniciais*. Rio de Janeiro: Vozes 2011.

GEBARA, A. E. L. *A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças*. São Paulo: Cortez, 2011.

GOULEMOT, J.M. *Da leitura como produção de sentidos*. In Chartier, R. (org) *Práticas da Leitura*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1996.

ISER, Wolfgang. *O Ato da Leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert, *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *O texto poético na mudança de horizonte da leitura*. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p. 305 – 357.

_____. *O prazer estético e as explicações fundamentais da poiesis, aisthesis e Katharsis*. In: JAUSS, Hans Robert. Et. Al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2. ed. Coordenação e tradução Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 67-84.

PINHEIRO, Helder. *Poesia na sala de aula*. 2. ed. João Pessoa: Ideia, 2002.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história literária*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1988.